

O PROCESSO DE COESÃO TEXTUAL NOS TEXTOS ORAIS INFANTIS

Neilson Alves de Medeiros (PROLING/UFPB)
Gualberto Targino Praxedes (Mestrado/PROLING/UFPB)

Resumo

Este artigo pretende discutir as diferentes formas e funções que a coesão apresenta na fala da criança, através da análise de diálogos infantis coletados no pré-escolar, refletindo sobre suas implicações nas produções orais infantis. Para tanto, nosso trabalho baseia-se nas teorias que sustentam os Parâmetros Curriculares (Ensino Fundamental) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, bem como nas teorias da Aquisição da Linguagem e da Lingüística Textual. Além disso, também temos como objetivo descrever a importância do desenvolvimento de tais mecanismos junto ao aprimoramento da relação da criança com gêneros orais públicos, apontando como as diretrizes que norteiam o ensino de língua materna se posicionam diante do trabalho com a fala.

Palavras-chave: Coesão. Fala infantil. Texto oral.

1. INTRODUÇÃO

Observando documentos referentes ao ensino de língua materna como os PCN – Língua Portuguesa e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, podemos perceber que eles apontam para um trabalho centrado no **texto** não como produto acabado, mas como **processo** vinculado às práticas sociais reais (COSTA VAL, 2002). Com essa perspectiva, o texto passa a ser entendido não como um amontoado de palavras sem significação, mas enquanto um todo constituído de termos que mantêm uma relação sintático-semântica entre si. As palavras que integram o texto se interligam por meio do processo da **coesão**, situando-o em determinada situação, por meio de um **gênero textual**, para atingir um efeito desejado sobre um interlocutor cuja participação é **ativa** na construção discursiva, seja ela escrita ou oral. Nisso, vale ressaltar também que a noção de texto ultrapassa a modalidade escrita, sendo possível considerar aquilo que é falado como um texto, visto que os traços que definem um texto como tal são encontrados, de forma peculiar, na modalidade oral da linguagem. Costa Val (2002, p. 50) defende que o texto deve ser entendido enquanto processo e não como um artefato desligado do mundo, das práticas sociais. Isso significa que, ao estudarmos o texto, devemos considerar vários fatores que entram em jogo para construção

dos sentidos, seja por aquele que fala/escreve ou por aquele que ocupa o papel de ouvinte/leitor.

Fundamentados nessa concepção, Beaugrande e Dressler (In: COSTA VAL, 2002, p.38) propõem sete princípios, que segundo eles, são constitutivos da textualidade. São eles: a **coesão**, a coerência, a intencionalidade, a informatividade, a aceitabilidade, a situacionalidade e a intertextualidade. A **coesão** diz respeito ao sentido global do texto, em que há a necessidade de que as idéias e os conceitos estejam relacionados entre si e em consonância com os conhecimentos de mundo dos interlocutores. A **coesão**, por sua vez, aparece como a manifestação lingüística da coerência, sendo responsável pelo estabelecimento do texto como um todo cujas partes (palavras, frases, parágrafos, blocos) se encontram presas umas às outras. Para Antunes (2005), a coesão pode ser constituída por meio da **reiteração** (com o uso de repetições, retomadas, sinônimos, pronomes, hiperônimos e elipse), da **associação** (promovida pelo uso de palavras do mesmo campo semântico) e da **conexão** (com o uso de conectivos – preposições e conjunções). Já a **intertextualidade** diz respeito à interação que se efetua entre textos, havendo elementos implícitos ou explícitos na produção textual que remetem a outras produções. A **informatividade** diz respeito às ocorrências esperadas ou não de um texto, tanto no plano conceitual como no formal. É preciso que o texto apresente todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende. A **intencionalidade** compreende o fato de que, para se ter um texto, é preciso que haja uma intenção do locutor subjacente ao discurso e que o alocutário seja capaz de identificar essa intenção. Quanto à **aceitabilidade**, podemos considerá-la como a atitude do alocutário diante do texto, considerando-o relevante em dada situação. Por fim, temos a **situacionalidade**, que define se um texto é pertinente ou não a determinada situação.

Levando em conta a concepção de texto aqui evidenciada, analisaremos, portanto, textos orais infantis coletados em um sala de aula da Educação Infantil de uma escola do município de João Pessoa, com crianças na faixa etária de 3 a 4 anos, em que o foco consiste na descrição e compreensão da relação da criança com o aspecto da coesão textual em seus primeiros textos, procurando esboçar as formas e funções que os recursos de coesão incorporam.

2. A FALA COMO OBJETO DE ENSINO

Para os PCN – Língua Portuguesa, o texto oral deve ser objeto de ensino na escola, já que por meio das atividades orais, os alunos passam a ser capazes de transitar das situações mais informais e coloquiais dominadas por eles para aquelas que exigem uma maior preparação, por serem mais estruturadas e formais. Isso implica considerar que o aluno necessita aprender a utilizar sua fala em função dos mais diversos contextos que exigem um uso diferenciado da linguagem, merecendo destaque os gêneros orais públicos, estudados por Schneuwly & Dolz (2004, p.175):

O papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para confrontá-los com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores. Os gêneros formais públicos constituem as formas de linguagem que apresentam restrições impostas do exterior e implicam, paradoxalmente, um controle mais consciente e voluntário do próprio comportamento para dominá-las (...) Exigem antecipação e necessitam, portanto, preparação.

Segundo esses autores, os gêneros textuais exigem um controle mais consciente e voluntário do próprio comportamento lingüístico e não lingüístico para dominá-los. Para isso, é necessário que haja antecipação e preparação. A exposição oral não é improvisada, mas estruturada ao longo do processo de sua produção com a presença de adaptações à situação. Portanto, considerando esses fatores que envolvem a fala, temos na escola o lugar cujo papel é preparar as crianças em relação ao uso da fala em situações formais, visto que a fala cotidiana já é dominada.

As diretrizes do ensino atual de língua materna priorizam o ensino do oral enquanto instância que permite ao aluno inserir-se nas atividades mediadas pela fala. Essas atividades, porém, não devem se restringir à parte mais informal da fala, mas sim aos vários modos que são permitidos por ela, tenham eles um grau mais simples ou mais elaborado da língua. Para se preparar melhor em relação à sua fala, a criança necessita cultivar o sentimento de confiança, tanto nela mesma como no seu(s) interlocutor(es). Essa confiança só pode ser atingida na medida em que o professor torna a sala de aula um ambiente onde as crianças podem expressar o que sentem, suas emoções, suas vivências, enfim, tudo aquilo que elas trazem do seu cotidiano, pois o infante não corresponde à metáfora da “tabula rasa”, não chega à escola sem nenhum conhecimento. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.137), o professor que lida com o ensino de língua materna

direcionado às crianças, deve se encontrar atento à escuta da criança, atribuindo sentido ao que ela diz, evitando julgar suas produções do ponto de vista normativo e procurando promover uma integração entre a fala da criança e as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Outro ponto que merece menção concerne à ausência de sistematização do trabalho com o oral na sala de aula. Muitas atividades orais são conduzidas de maneira desorganizada pelos professores que, por sua vez, não negociam com os alunos as regras e objetivos relacionados à atividade em curso. Daí a perpetuação da crença de que a fala é desorganizada, fragmentada e caótica, enquanto a escrita ganha espaço majoritário na escola.

3. O PROCESSO DE COESÃO TEXTUAL

Para Koch (1991, p.19), a coesão “*diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual*”. Já para Antunes (2005, p.50), a coesão tem a ver com as relações semânticas que se estabelecem entre os vários segmentos do texto, não sendo esse processo apenas uma questão de superfície, como afirmam muitos estudiosos, mas também um instaurador da continuidade do sentido.

Segundo Halliday & Hasan (In: KOCH, 1991, p.19), podemos distinguir cinco mecanismos de coesão:

- a) **referência:** fazem parte dessa categoria os elementos da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, sendo necessário que eles remetam a outros itens do discurso para a interpretação se realizar. Compreendem os pronomes pessoais e possessivos, os advérbios de lugar e as palavras que indicam comparação.
- b) **substituição:** consiste no uso de um item em lugar de outro elemento do texto, ou até mesmo de uma oração inteira.
- c) **elipse:** também chamada de substituição, esse mecanismo consiste na omissão de um item lexical, um sintagma, uma oração, que são facilmente recuperáveis pelo contexto.

- d) conjunção:** esse mecanismo permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto.
- e) coesão lexical:** esse tipo de coesão ocorre por meio de **reiteração** (repetição do mesmo item lexical ou uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos) e através da **colocação** (uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico).

Ainda, de acordo com Koch (1991, p. 30/49), podemos classificar a coesão enquanto **coesão referencial**, em que um componente da superfície do texto remete a um outro elemento que constitui a produção textual e **coesão sequencial**, que consiste em um termo que emprega diversos tipos de relações semânticas ou pragmáticas entre os segmentos do texto. Já para Antunes (2005, p.51), a coesão é dividida em **reiteração**, **associação** e **conexão**, em que o primeiro compreende as repetições e substituições, o segundo refere-se à ligação de sentido entre as diversas partes do texto (palavras de um mesmo campo semântico) e o último diz respeito às relações semânticas que ocorrem entre orações por meio dos conectivos. A referida autora expõe no quadro os diferentes desdobramentos feitos a partir da coesão:

	<u>RELAÇÕES TEXTUAIS</u> (CAMPO 1)	<u>PROCEDIMENTOS</u> (CAMPO2)	<u>RECURSOS</u> (CAMPO 3)	
	A C O E S Ã O D O T E X T O	1. REITERAÇÃO	1.1. Repetição	1.1.1. Paráfrase
1.1.2. Paralelismo				
1.1.3. Repetição propriamente dita				<ul style="list-style-type: none"> • De unidades do léxico • De unidades da gramática
1.2. Substituição			1.2.1. Substituição gramatical	Retomada por: <ul style="list-style-type: none"> • Pronomes ou por • Advérbios
			1.2.2. Substituição lexical	Retomada por: <ul style="list-style-type: none"> • Sinônimos • Hiperônimos • Caracterizadores situacionais
		1.2.3. Elipse	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada por elipse 	
2. ASSOCIAÇÃO		2.1. Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	<ul style="list-style-type: none"> • Por antônimos • Por diferentes modos de

				relações de parte / todo
	<u>3. CONEXÃO</u>	3.1. Estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos	Uso de diferentes Conectores:	<ul style="list-style-type: none"> • preposições • conjunções • advérbios e • respectivas locuções

Tabela 1: A PROPRIEDADE DA COESÃO DO TEXTO: RELAÇÕES, PROCEDIMENTOS E RECURSOS (ANTUNES, 2005, p.51)

Em relação ao que Antunes (2005, p.177) discorre sobre a coesão, é importante destacar que, para a autora, a coesão e a coerência mantêm relações muito estreitas, sendo que a separação entre ambos só ocorre de forma artificial. Tendo em vista essa reflexão sobre a interdependência entre coesão e coerência, observamos que esses dois princípios constitutivos do texto não aparecem de forma isolada, ou seja, um não se apresenta sem o outro, sendo difícil imaginar um texto sem coerência, mas com a presença da coesão, e vice-versa.

Esses estudos sobre o processo da coesão podem dar margem a muitas indagações referentes ao modo como a criança, sujeito ainda adentrando no circuito da linguagem, lança mão desses mecanismos para produzir seus textos no dia-a-dia. Na medida em que a fala se torna, assim como a escrita, um objeto de ensino que começa nas séries iniciais e vai até o Ensino Médio, deve-se levar em conta o que o trabalho com oral vai gerar na criança enquanto sujeito inserido em práticas que utilizam a linguagem a todo o momento.

3. ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com o nosso estudo, podemos apontar a utilização de **nomes genéricos (hiperônimos)**, de **pronomes pessoais**, do “**aí**” e do conectivo “**e**”, bem como o uso de **conjunções** como “**quando**”, de **elipses**, de **verbos** (através dos aspectos de tempo e de pessoa) e do pronome relativo “**que**” como os mecanismos coesivos mais freqüentes nos dados analisados. Isso demonstra que as crianças têm em seu repertório lingüístico, desde cedo, vários elementos que se prestam à coesão textual, passando pelas relações textuais de

reiteração, associação e até mesmo de conexão (Antunes, 2005). Para uma melhor compreensão sobre a relação entre a criança e os elementos coesivos que ela utiliza, observemos o seguinte trecho, em que uma das crianças (Hávilla, 5 anos) começa a contar uma estória para seus colegas em sala de aula:

05-Hávilla	Tia, José Vítor num vai não. Posso inventar uma história?
06-William	Pode.
07-Hávilla	Eu vou contar a história de Anna Paulla e William (.) Eles foram para a creche (.) e quando eles chegaram lá, Eduarda se apaixonou por ele e foi logo paquerar.
08-Eduarda	Eu não.
09-Hávilla	Eu tô contando uma história.
10-Professora	E como era a história?
11-Hávilla	Anna Paula foi com William e Eduarda para a festa e com um rapaz (.) e lá eles brigaram.
12-Professora	E quem era o rapaz?
13-Hávilla	José Vítor.

Na narrativa criada por Hávilla, é possível percebermos muitos recursos de coesão constituindo o texto oral. Nele, podemos verificar que os pronomes aparecem frequentemente, indicando um certo domínio que Hávilla possui em relação à **referência por meio de pronomes pessoais**. Os personagens “Anna Paulla”, “William” e “Eduarda” são muitas vezes substituídos pelo pronome pessoal “eles”. No entanto, é interessante comentar que Hávilla, no turno 07 desse segmento, diz que Eduarda, ao chegar à creche, apaixonou-se por William, representado pelo pronome “ele”. Nesse caso, o garoto fala sobre Eduarda e William, citando o nome de sua personagem e substituindo o nome de William pelo pronome “ele”. Nossa hipótese sobre essa mudança do movimento de Hávilla em relação ao uso dos nomes dos seus personagens é de que, tentando evitar uma certa ambigüidade, a criança não substitui o nome de Eduarda pelo pronome “ela”, pois em sua história temos duas personagens femininas, o que acarretaria uma certa confusão por parte de seus interlocutores, no que diz respeito ao conhecimento de quem seja “ela”. Isso implica reconhecer que, ao contar uma historinha simples do ponto de vista do adulto, a criança reflete sobre o que produz, colocando-se em um exercício complexo de preparação e antecipação da compreensão do interlocutor.

Outro ponto que chama a atenção no conto de Hávilla é o emprego da **conjunção** “quando”, no turno 07, que exprime idéia de tempo e estrutura na narrativa marcando o início de uma seqüência de fatos: início da paixão e da paquera.

Todos esses fatores que fazem parte do texto oral de Hávilla e que se referem à coesão colaboram para enxergarmos a linguagem infantil como sendo provida de aspectos que, às vezes, supomos pertencentes apenas ao falar do adulto. É claro que precisamos levar em conta o fato de que a linguagem da criança possui um potencial a ser explorado e desenvolvido, implicando um esforço maior por parte dos professores e responsáveis pelas crianças para o aprimoramento da capacidade comunicativa.

Um outro trecho, que também se refere à narração de histórias e que revela muitos aspectos sobre a coesão na linguagem oral infantil, é a narrativa contada por Anna Paulla (4 anos), em que ela constrói sua história, “costurando o tecido” do texto por meio de mecanismos de coesão que ela domina:

09-Hávilla	Eu tô contando uma história.
10-Professora	E como era a história?
11-Hávilla	Anna Paula foi com William e Eduarda para a festa e com um rapaz (.) e lá eles brigaram.
12-Professora	E quem era o rapaz?
13-Hávilla	José Vítor.
14-Anna Paulla	Era uma vez (.) uma cinderela mais linda (.) o nome dela era tia Paloma(.) Ela tem os cabelos grandes e loiros (.) ela tem os olhos azuis. A madrasta dela disse que ela é muito feia. Aí depois, um príncipe encantado chegou e disse: “Cinderela, venha cá”. Aí depois Hávilla chegou, amiga de Paloma e disse: “O que você tem?” “É a madrasta (.) disse que eu sou feia”. Aí Hávilla foi falar com a madrasta e disse: “É você que é feia”. E aí depois o príncipe encantado ficou feliz para sempre.

É possível observar, na história contada pela criança, uma série de mecanismos de coesão como **o uso de pronomes, de conjunções, de verbos, de adjetivos, de artigos, de preposições, de palavras referentes ao mesmo campo semântico**, entre outros. Todos eles trabalham em conjunto para manter o texto como uma unidade, como estruturas interligadas, possuindo uma relação significativa entre si, que por sua vez, reflete no sentido global do texto. Assim como seus outros colegas, Anna Paulla faz um jogo entre realidade e ficção ao elaborar seu texto, transformando seus colegas e até mesmo sua professora em personagens da sua narrativa. O texto dela obedece às peculiaridades dos contos de fadas, na medida em que é iniciado com a expressão “Era uma vez” e finalizado com “ficou feliz para sempre”. A retomada dessas expressões revela, também, um sujeito que se mostra capaz de perceber elementos que estruturam a língua em seus diferentes gêneros textuais.

É interessante o modo como a criança usa a palavra “cinderela” como sinônimo de princesa, depositando no primeiro termo o **aspecto genérico**, podendo esse movimento ser considerado como um mecanismo coesivo, pois Anna Paulla abre seu texto falando sobre “uma cinderela mais linda” e logo após nomeia sua “cinderela” com o nome de sua professora: “o nome dela era tia Paloma”. Aproveitando a ocorrência do pronome “dela”, destacamos o emprego dos pronomes no texto oral da criança, que reforça o envolvimento do sujeito com os diferentes elementos que compõem a linguagem. Em termos quantitativos, temos cerca de **7 (sete)** pronomes pessoais e possessivos que sustentam a coesão da narrativa de Anna Paulla, sem ocorrer nenhum tipo de ambigüidade, às vezes decorrente do uso descuidado dos pronomes. Contar uma história para alguém supõe uma série de fatores: um “público” ouvinte, explicação cuidadosa dos fatos que acontecem na história, uso de informações que os interlocutores já devem conhecer, acrescido do uso de informações novas, provenientes da criatividade de quem conta a história etc.

Percebe-se, também, a presença do pronome relativo “que”, responsável pela **referência** feita a outros termos citados anteriormente, como em “É a madrasta (.) **que** disse que eu sou feia (...)”. O uso da conjunção aditiva “e” tem seu espaço no texto da criança, construindo a idéia de progressão das informações dadas durante a exposição oral, sendo exemplificada pelo segmento “aí Hávilla foi falar com a madrasta **e** disse (...)”. Esse mesmo recorte acaba por ilustrar no texto o uso de outro tipo de mecanismo de coesão, às vezes imperceptível, mas de grande valor para a unicidade das idéias que são veiculadas pelas palavras: **a elipse**. O uso do verbo “disse” no trecho observado evita a repetição do sujeito (Hávilla) que apareceu junto à locução verbal anterior “foi falar”, tornando o texto mais dinâmico.

Outro recurso utilizado é a idéia de temporalidade, marca típica das narrativas. São exemplos desse tipo de recurso coesivo expressões como “aí, aí depois”. O uso do “aí”, funcionando como elemento de **conexão**, ocorre com frequência no discurso infantil, inclusive no texto de Anna Paulla. Seu uso constante chama a nossa atenção para a adoção de metodologias que privilegiem outras formas de conexão entre os enunciados, tornando a criança apta para utilizar outros mecanismos de ligação, que expressem o mesmo sentido entre suas idéias. Aqui entra a sugestão dos PCNs para a gravação com a escuta das próprias falas. Um trabalho de planejamento e monitoração integrado apresenta possibilidades de ampliação no domínio de novos elementos de coesão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tomando por base as análises estudadas até o momento, podemos elencar os seguintes mecanismos de coesão encontrados nas falas das crianças: o uso de **pronomes pessoais**, do “**aí**” e do conectivo “**e**”, bem como o uso de **conjunções** como “**quando**”, de **elipses**, de **verbos** (coesão explicitada através das categorias pessoa e tempo) e do pronome relativo “**que**”. Tais mecanismos elucidam que os textos orais infantis são mais ricos com relação ao uso de recursos referentes à referenciação ou **reiteração** e à **associação** (uso de palavras do mesmo campo semântico) enquanto que, no que tange às relações de **conexão**, as crianças ainda possuem um domínio um pouco limitado de conjunções e preposições.

Todos esses recursos explicitam que, ao lançar mão de palavras, as crianças não as utilizam como simples portadoras de significados isolados, mas sim como elementos que se permitem relacionar entre si para culminar em um corpo maior e uno, que é o texto. Vale ressaltar que embora os dois trechos analisados pertençam mais ao gênero “**contação de histórias**”, não devemos restringir a presença da coesão somente a essa esfera do uso da língua, mas também em outras atividades orais que merecem ser investigadas. O nosso estudo permite, ainda, verificar que os alunos do Ensino Infantil já se mostram detentores dos mecanismos aqui apresentados, cabendo à escola levá-los ao conhecimento de outros tipos de mecanismos por meio da imensa variedade de textos que circulam na sociedade.

Para que esses mecanismos possam, de fato, fazer parte das produções textuais orais das crianças, o professor deve buscar nas diretrizes dos PCN (1996) orientações metodológicas necessárias para o desenvolvimento de um sujeito capaz de **escrever, ler, falar e entender** diferentes gêneros textuais que surgem em decorrência dos diferentes contextos. Nisso, podemos citar algumas das ações ligadas ao oral e que são sugeridas pelos PCN (1996, p.113/114), como: a participação em situações de intercâmbio oral; a manifestação de experiências, sentimentos, idéias e opiniões por parte dos alunos; a narração de fatos considerando a temporalidade e a causalidade; a narração de histórias conhecidas, buscando aproximação às características discursivas do texto-fonte; a descrição (dentro de uma narração ou de uma exposição) de personagens, cenários e objetos; a exposição oral com ajuda do

professor, usando suporte escrito, quando for o caso; a adequação do discurso ao nível de conhecimento prévio de quem ouve (com ajuda); a adequação da linguagem às situações comunicativas mais formais que acontecem na escola.

Por fim, é importante destacar que, ao estudarmos a linguagem oral infantil, verificamos que recursos importantes como os mecanismos coesivos já fazem parte dos textos das crianças, e que para que esses mecanismos sejam desenvolvidos cada vez mais, é necessário haver um contato intenso com textos variados, proporcionando, por outro lado, a inserção dos alunos nas diferentes práticas sociais perpassadas pela linguagem. Além disso, reforçamos a idéia de que o texto precisa ser contemplado enquanto **processo**, ou seja, como resultado de uma atividade lingüístico-cognitiva socialmente situada e não como um **artefato** pronto, fechado em si mesmo, desconectado das atividades interativas nas quais o sujeito se vê mergulhado desde cedo.

THE PROCESS OF TEXTUAL COHESION IN CHILDREN'S ORAL TEXTS

Abstract

This article discusses the different forms and functions that cohesion has in children's speech, through the analysis of children's dialogues collected in pre-school, reflecting on their implications in children's oral productions. Therefore, our work is based on the theories that underpin the Curriculum Guidelines (Elementary) and the Curriculum for the National Early Childhood Education as well as the theories of Language Acquisition and Textual Linguistics. In addition, we will also describe the importance of developing such mechanisms together to improve the child's relationship with public oral genres, showing how the guidelines that conduct the teaching of mother tongue are positioned in front of work with speech.

Keywords: Cohesion. Child language. Oral text.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé (2005). *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: MEC.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto (1998). *Referencial Curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC.
- COSTA VAL, M. G. (2002). Repensando a textualidade. In: AZEREDO, J. C. (org.) *Língua Portuguesa em debate*. Petrópolis: Editora Vozes.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- KOCH, I. G. (1991). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim (2004). O oral como texto: um objeto de ensino. In SCHNEUWLY e DOLZ (2004) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP.: Mercado de Letras.